

Menor crédito bancário externo ameaça tradings

Da sucursal do
RIO

As conquistas do comércio exterior brasileiro nos últimos anos, quando as **trading companies** abriram escritórios em 49 países, estão ameaçadas pelo corte das linhas de crédito junto aos bancos internacionais e pelas dificuldades enfrentadas pelos bancos brasileiros no Exterior.

A advertência foi feita ontem pelo presidente da Associação de Exportadores Brasileiros (AEB), Humberto da Costa Pinto Jr., em conferência na Escola de Guerra Naval, ao enfatizar que no Exterior se desenvolvem "pressões mais ou menos sutis para que o Brasil abandone posições conquistadas em diversos mercados".

Costa Pinto assinalou que o desenvolvimento da tecnologia brasileira de comercialização externa "incomodou e incomoda muita gente". "Antes — destacou ele — os exportadores brasileiros, que ficavam no nível do cais do porto e das agências dos bancos estrangeiros no Brasil, começaram de repente a disputar margens, a absorver comissões, a tomar iniciativas próprias."

"Não há lei que nos proíba a assim proceder, mas também não há ninguém que nos ajude; muito ao contrário, a concorrência está torcendo para que esse trabalho dos brasileiros não dê certo", disse Costa Pinto.

O EXEMPLO

Para demonstrar o incômodo que o comércio exterior do Brasil está provocando em seus concorrentes, o presidente da AEB referiu-se às exportações de frango. Segundo ele, há poucos anos o País não tinha nenhuma presença no mercado do Oriente Médio, mas agora detém 35% dele, parcela retirada dos fornecedores americanos e europeus.

Costa Pinto referiu-se ao comentário desse fato feito pela revista londrina **The Economist**, que propôs, em um aparte, as pazes entre a Comunidade Econômica Européia e os Estados Unidos, nas suas disputas comerciais, para poderem fazer a guerra contra o Brasil. "A concorrência não quer mesmo que o nosso trabalho dê certo", insistiu Costa Pinto, observando que os brasileiros não podem permitir que isso aconteça. Para ele, o Brasil não pode perder seus meios de atuação no mercado internacional, não devendo por isso mesmo aceitar um recuo no tempo para a antiga posição de dependência, não podendo também "negociar as armas".

O Brasil se propôs a um doloroso processo de ajustamento, porque aparentemente nenhuma solução alternativa surgiu até agora. Ao fazer essa ressalva, Costa Pinto assinalou não ser possível que as pressões criadas pela crise econômica conduzam a uma perda de perspectiva das realidades permanentes do País. "Não podemos permitir que isso se traduza em um fechamento da economia" e no abandono da estrutura montada no Exterior, disse ele. Reconheceu também que a centralização excessiva teve forte influência na situação a que chegou o País, e o lógico é admitir que se deve tentar exatamente o oposto — a abertura cada vez maior da economia para as iniciativas do setor privado, ficando o Estado limitado às suas funções próprias.

Após a conferência na EGN, o presidente da AEB anunciou que na próxima segunda-feira a entidade deflagrará um processo de engajamento nas exportações das pequenas e médias empresas, que não conseguem êxito nessa atividade por falta de esclarecimento e de um mínimo de infra-estrutura. A AEB, segundo Costa Pinto, dará completa assessoria a essas empresas, que muitas vezes ignoram suas potencialidades por desconhecerem os mecanismos de como vender ao Exterior.